

Candomblé e Ensino de História:

Propostas e abordagens de
saberes afro-brasileiros em sala
de aula

Leonardo Silva Oliveira



Mapa da África Independente



Todos os rostos humanos são constituídos dos mesmos componentes: narizes, olhos, lábios, bocas, etc., em que esses componentes podem ser encontrados idênticos em diversos rostos; mas a combinação desses traços idênticos forma um rosto único. A africanidade é esse rosto cultural único que a África oferece ao mundo.

(Kabengele Munanga)



Candomblé e Ensino de História:

Propostas e abordagens de saberes afro-brasileiros em sala de aula

Ficha técnica

Texto:

Leonardo Silva Oliveira

Projeto Gráfico, Edição e Diagramação:

Wellington Guimarães Ribeiro

Todas as fotografias utilizadas pertencem ao livro:

VERGER, Pierre. Orixás: Deuses iorubás na África e o novo mundo.

Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

Uberlândia, 2022

SUMÁRIO

Introdução	4
Alguns pontos importantes acerca do Candomblé.....	6
PROPOSTAS DIDÁTICAS	16
ANEXO I – Contos.....	34
ANEXO II - Oxalufã é banhado com água fresca e limpa ao sair da prisão	41
REFERÊNCIAS	44

Introdução

O presente trabalho é fruto da dissertação de mestrado “Candomblé e Ensino de História: o terreiro como um local de ensino-aprendizagem - O caso do Ilé Asé Tobi Babá Olorígbín (2013-2020)”, produzida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História na Universidade Federal de Uberlândia.

A proposta da pesquisa é efetuar o diálogo entre saberes tradicionais afro-brasileiros preservados nos espaços de terreiros de Candomblé e o Ensino de História. Nem de longe pretendemos esgotar a discussão. Esta proposta didática engloba algumas pequenas reflexões que foram elaboradas em consonância com a dissertação, buscando orientar professores na abordagem referente a religiosidade afro-brasileira em sala nas aulas de História. A ideia não é realizar aulas fechadas, visto que cada sala de aula é um espaço único, mas sim orientar e apresentar possibilidades para que o professor adapte a sua realidade.

Compreendendo a amplitude das reflexões proporcionadas pela religiosidade afro-brasileira, e as diversas possibilidades de trabalhar o tema, de forma alguma acreditamos ter esgotado o tema ou todas as propostas possíveis. Nesse trabalho apresentamos um pouco das nossas contribuições, esperando que possam ser de grande valia para o professor que está em sala de aula e, as vezes, enfrenta o desafio de não conseguir falar sobre os reinos africanos ou sobre a cultura afro-brasileira de forma satisfatória, situação em que eu mesmo me vi como professor ao começar a ministrar aulas.

Ressaltamos que não possuímos a intenção de realizar proselitismo religioso, nem mesmo de formar novos filhos de santo para a religião. A ideia é entender o Candomblé enquanto manifestação cultural e espaço privilegiado de preservação da cultura afro-brasileira. Então, buscamos contribuir com apontamentos visando auxiliar na produção de materiais e debates sobre a temática da religiosidade afro-brasileira dentro do Ensino de História. No mais, boa leitura!

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ



ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ

Ao falarmos de Candomblé, é importante que tenhamos em mente que essa é uma das várias religiões afro-brasileiras que existem no Brasil[1], tendo se originado especificamente em Salvador na Bahia e através de três matrizes culturais diferentes. Entendemos também que cada casa de Candomblé possui suas especificidades, mas todas possuem ligação com as casas matrizes da Bahia. Importante lembrar, também, que a complexa organização que o Candomblé inspirou, apesar de ser baseada nos cultos tradicionais africanos dos quais descende, não existe em África da mesma forma, nem com o mesmo nome[2].

Segundo Pierre Verger (2018) no século XIX, na Bahia, as etnias africanas eram separadas em confrarias pela própria Igreja, estando os povos denominados iorubás separadas em duas irmandades: a de Nossa Senhora da Boa Morte e do Nosso Senhor dos Martírios. Os povos angola na Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das Portas do Carmo – que funcionava na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho. Os daomeanos, aqui conhecidos como jeje, reuniam-se na irmandade do Nosso Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção dos Homens Pretos, na Capela do Corpo Santo, na Cidade Baixa.

Ao passo que o termo Calundu some dos processos e notícias jornalísticas, o termo Candomblé aparece, tendo um liberto de nome Antônio sido preso no início do século XIX como “presidente dos terreiros de candombleis”. O autor supõe que das práticas de reza/cura dos calundus, mais típicos dos povos bantu, que eram feitos em espaços pequenos, os cultos foram se transformando e agregando novas roupagens.

1. Existem várias outras religiões, como o Terecô, Xangô do Nordeste, Pajelança, Catimbó, Nago Egbá, Tambor de Mina e Batuque.

2. Na África os conhecimentos preservados pelo Candomblé serão encontrados em muitos cultos diferentes, de orixás/voduns/inquices, culto de egungun (ancestrais), Sociedade Geledé, Ogboni, Culto de Ifá.

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ

Existem registros de várias celebrações no final do XVIII e XIX nas quais ocorriam batuques, festas, imolações de animais, banhos de folhas, uso de conchas de búzios, batuques com duração de vários dias – o que indica que provavelmente já havia celebrações organizadas em vários dias, em vários atos, como hoje ocorre no Candomblé.

Provavelmente por conta da formação de uma rede de solidariedade, principalmente nas irmandades católicas e nas revoltas escravas que varreram a Bahia do início do século XIX, as práticas de reza dos povos bantu foram se misturando as celebrações que eram realizadas pelos jeje, que eram maioria em fins do século XVIII, e a dos iorubás que foram chegando em maioria nos anos 1800. Em meio ao contato cultural, as redes de contato e as celebrações que iam se misturando, supõe-se que houve grande assimilação entre as práticas culturais e, inclusive, a participação de africanos na constituição organizacional do Candomblé, visto que a época o tráfego de pessoas no Atlântico – entre a Bahia e a Costa do Ouro – era gigante.



ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ

A “versão oficial” que sobreviveu a tradição oral da Bahia conta que no início do século XIX, por volta de 1830, libertas pertencentes a Irmandade da Nossa Senhora da Boa Morte fundaram o primeiro Terreiro de Candomblé que se tem notícias, intitulado a época Íyá Omi Áse Àirá Intilè, próximo a Igreja da Barroquinha, em Salvador.

As versões variam, mas sabemos que a participação de Francisca da Silva, conhecida como Ya Nassô Oká, ou Yanassô Akalá foi fundamental no processo. Muniz Sodré (2002) nos informa que Ya Nassô era o nome dado ao cargo de quem chefiava o culto de Xangô no Palácio do Afalin de Oió. Francisca da Silva ocupava este cargo em África, e ao ser mandada ao Brasil, trouxe consigo todo o conhecimento que detinha sobre o culto.

Sabe-se que após a fundação do terreiro, Ya Nassô viajou para a África junto com Marcelina da Silva, conhecida como Obatossi, que não se sabe se é filha carnal ou espiritual de Francisca da Silva. Diz-se que Ya Nassô morreu na África e Obatossi retornou na década de 1840, continuando o legado deixado por Ya Nassô e trazendo diversos conhecimentos aprendidos “na matriz”. O terreiro fundado por elas, hoje é conhecido como Casa Branca do Engenho Velho, tendo este dado origem a mais duas casas importantes para o Candomblé, o Terreiro do Gantois, na Bahia, e o Axé Opô Afonjá, no Rio de Janeiro.

A muitos escravos, no século XIX, quando a escravização já estava em decadência, foi oferecido a oportunidade de voltar a África e muitos o fizeram. Mas para alguns, voltar a África era possível dentro dos terreiros de Candomblé. Então, a religião surgiu e se institucionalizou como uma forma de rememorar os cultos aos ancestrais e divindades perdidos da terra de origem. Os locais de culto originais não eram mais acessíveis, mas o conhecimento do sagrado permanecia em suas cabeças, e suas divindades ancestrais moravam em seus corpos.

3. A cultura iorubá engloba vários povos diferentes, como os egbá, ijebu, ijexá, oíos, quetos, ekitis que falam a mesma língua e possuem cultos religiosos semelhantes. A denominação iorubá foi dada pelos ingleses, no contexto do imperialismo.

Foi dessa forma que os cultos foram ressignificados e reorganizados no Brasil, formando o que chamamos de Candomblé. Como se sabe, muitos desses africanos que foram escravizados no Brasil, como Ya Nassô, eram iniciados nas religiões ancestrais e ocupavam funções importantes, detendo conhecimentos dos mais diversos sobre os cultos religiosos e os seus segredos.

Segundo sobreviveu na memória oral dos terreiros, três nações foram importantes para a formação do Candomblé, sendo elas sintetizadas em angola, jeje e ketu. As nações acabam por determinar então a modalidade de rito, formas de se fazer, e se diferenciam pela língua utilizada. A nação angola é caracterizada pela cultura bantu, a jeje da cultura ewe-fon e ketu da cultura iorubá[1], também conhecidos como nagô.

Dentro da religião, encontramos termos que possuem grafia das línguas bantu, termos iorubás e daomeanos, o que mostra que realmente houve uma mistura das três matrizes, estando sempre uma nação prevalente as outras, que é o que define a língua ritual da casa.

As culturas citadas acima se encontram onde hoje é a Nigéria, Togo, Gana, Benin (podemos ver no mapa na figura 1 na cor marrom – povos falantes de línguas kwa) e também Angola e Congo (no mapa estão em cinza – povos falantes da língua bantu)

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ

Figura 1: Mapa das línguas do Niger-Congo e Khoisan



Fonte: Wikimedia[4]

O Candomblé enquanto religião tenta, por meio dos mitos, itãs[5], cantos, danças, possibilitar aos filhos da diáspora africana ressignificar seus espaços e território, criando um mundo que se contrapusesse ao mundo da escravidão. Logo, então, esse espaço da religião se tornou um lugar privilegiado de preservação dos valores civilizatórios africanos no Brasil. Etnias diferentes se auto identificaram com traços semelhantes e, através disso, criaram uma religião unicamente nova, que desde o seu princípio acolheu a todos na "família de santo". O espaço do sagrado, então, é uma forma de reconstituição da família perdida, da família que foi separada pelo tráfico.

A nação conhecida atualmente como angola é formada pela tradição de culto aos inquices, proveniente da África Central (onde hoje se localiza Congo e Angola), compreendendo os povos Bacongos e Ambundos que falavam as línguas Quimbundo e Quicongo. Vieram principalmente dos reinos do Ndongo e do Kongo. Na figura 2 podemos ver os dois reinos.

[4]https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_of_the_Niger-Congo_and_Khoisan_languages.svg. Acesso em 20 jul. 2022.

[5] Lendas que descrevem passagens míticas dos Orixás/Voduns/Inquices em terra.

Figura 2: Reino do Ndongo (Ngola/Angola) e Reino do Kongo



Fonte: Wikipedia[6]

A tradição bantu foi muito perdida, como aponta Prandi (1996), por ser mais antiga, tendo chegado aqui principalmente nas primeiras levas do século XVII. A cultura bantu também foi muito negada devido a uma visão preconceituosa que afirmava que os povos iorubá e jeje eram superiores. Os bantus eram vistos como mais doces, mais fáceis de serem escravizados, não civilizados, inferiores culturalmente, como aponta Nei Lopes (2011).

Os povos jeje não possuem tal denominação em território africano. Luis Nicolau Parés (2007) aponta que jeje pode ter sido a denominação de um grupo minoritário localizado na área atual de Porto Novo, no Benim. No entanto, o termo foi utilizado para definir os escravizados que provinham do Reino do Daomé (atual Benim). É uma denominação meta-étnica que engloba os povos adjá, fon e ewe que para o autor são também definidos como falantes da língua Gbê, ocupando os territórios do atual Benin, Togo e Gana. São vizinhos aos povos iorubá/nagô, localizados na atual Nigéria e parte do Benin.

ALGUNS PONTOS IMPORTANTES ACERCA DO CANDOMBLÉ

Os povos denominados jeje e iorubás aqui no Brasil, tiveram formações históricas conjuntas no passado. A língua das duas culturas pertence ao mesmo tronco linguístico, tendo sido os iorubás centrais na formação da cultura jeje há séculos. Mas como se diferenciaram ao longo dos séculos, possuem semelhanças fundamentais nos cultos, mas também diferenças, como na língua utilizada, as bebidas importantes, sem contar que entre os gbe-falantes são cultuados Voduns, e entre os iorubá-falantes são cultuados os Órixás. Notamos, então, que o processo de interação entre esses povos começou na própria África, e não no Brasil com a escravização, como podemos ver no mapa da figura 3.

Figura 3: Reino iorubás de Oió (Oyo) e Benin e o Reino jeje do Daomé (Dahomey): um do lado do outro



Fonte: Imagens do Google[7]

Os povos iorubás ou nagôs compreendem vários povos que falam a mesma língua, se localizando na atual Nigéria e em algumas partes do Benim. Alberto da Costa e Silva (2011) e Pierre Verger (2018) apontam que iorubá é uma metadefinição que engloba vários povos que falam a mesma cultura: egbá, ifé, ijebu ou ijexá, egbados, equitis, ifés, oiós, ondos, quetos. A denominação iorubá foi dada por estrangeiros aos povos que compunham o Império de Oió. Nem todos esses povos estiveram sob o controle do Oió. No entanto, o imperialismo e a escravização ressignificaram essa identidade iorubá, que foi assumida pelos povos enquanto uma forma de luta coletiva.

Percebemos, então, que nas três etnias são encontrados o culto aos ancestrais misturado ao culto dos princípios cósmicos da natureza. São encontrados, inclusive, arquétipos parecidos entre as divindades cultuadas. Nas três culturas existe uma divindade primordial que cuida dos caminhos, das mensagens, de encaminhar as bençãos e maldições, da proteção, que pros iorubás é Exu, para os jeje Legbara e para os bantu Aluvaiá/Mavambo.

As três acreditam na força vital e na circularidade da vida, e a possibilidade de agir sobre as forças da natureza por meio da magia e da feitiçaria. Não é encontrado um “ideal de culpabilidade” ou de pecado original nas suas criações religiosas, pelo contrário, acreditam na prosperidade terrena, na felicidade material, na harmonização entre os dois mundos – o visível e o invisível. São práticas religiosas que exigem iniciação para que a pessoa tenha mais aprendizados.

Dessa forma, entendemos que mesmo com línguas e formações culturais diferentes, os povos bantu, iorubá e jeje puderam aqui no Brasil se (re)conhecer e fundar uma religião que não existe em mais nenhum outro lugar e tornar ela um espaço de preservação e reprodução dos valores civilizatórios africanos trazidos pelos ancestrais escravizados.

PROPOSTAS DIDÁTICAS



Tema da aula: os valores civilizatórios afro-brasileiros que sobreviveram na cultura oral

Turma: 7º ano do ensino fundamental

Unidade Temática da BNCC: O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias

Objeto de conhecimento: Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial

Habilidade trabalhada: (EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

O que são os valores civilizatórios afro-brasileiros?

Segundo Trindade (2005), possuímos em nosso país valores inscritos na nossa memória, no modo de ser, música, nossa literatura, ciência, arquitetura, religião e até no nosso coração que descendem dos valores civilizatórios africanos, dos povos que para cá foram trazidos durante a escravização.

Na perspectiva civilizatória, somos afro-descendentes. Somos o segundo país do mundo em população negra. Apesar de todo o racismo, opressão, as diferentes práticas culturais para cá trazidas não foram perdidas, mas sim assimiladas. É importante frisar que grande parte desse conhecimento se manteve pela tradição da oralidade, algo que era comum em várias sociedades na África.



Princípio do Axé ENERGIA VITAL - tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital: Planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação. Imaginem se nosso olhar sobre nossas crianças de Educação Infantil forem carregados da certeza de que elas são sagradas, divinas, cheias de vida.

[...]

ORALIDADE – Muitas vezes preferimos ouvir uma história que lê-la, preferimos falar que escrever... Nossa expressão oral, nossa fala é carregada de sentido, de marcas de nossa existência. Faça de cada um dos seus alunos e alunas contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala. Falar e ouvir podem ser libertadores.

[...]

CIRCULARIDADE – a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afrobrasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira...

[...]

CORPOREIDADE – o corpo é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos, somos no mundo. Um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante. Neste sentido, como educadores e educadoras de Educação Infantil, precisamos valorizar nossos corpos e os corpos dos nossos alunos, não como algo narcísico, mas como possibilidade de trocas, encontros. Valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções, produções de saberes e conhecimentos coletivizados, compartilhados.

[...]

MUSICALIDADE – A música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos. Um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e que constitui a brasilidade com a marca do gosto pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança.

[...]

LUDICIDADE – A ludicidade, a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida. Se não fôssemos um povo que afirma cotidianamente a vida, um povo que quer e deseja viver, estaríamos mortos, mortos em vida, sem cultura, sem manifestações culturais genuínas, sem axé. Portanto, brinquemos na Educação Infantil, muita brincadeira, muito brilho no olho, muito riso, muita celebração da vida.

[...]

COOPERATIVIDADE – A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro. (TRINDADE, 2005, p. 34-35)

Estes são alguns dos valores importantes que podem ser trabalhados em sala de aula. É importante ressaltar que os terreiros de Candomblé (e também as outras religiões afro-brasileiras) foram espaços privilegiados de preservação destes costumes, valores e saberes ancestrais. Foi através da oralidade e do culto a ancestralidade, da preservação dos valores ancestrais, que essa manifestação religiosa se reorganizou e se manteve viva.

MOMENTO INICIAL

Organize a sala em círculo, para que todos estejam no mesmo nível para exercer o diálogo. Tendo o professor já algum conhecimento acerca do que foi explorado acima, propõe-se que se apresente aos alunos alguns valores civilizatórios afro-brasileiros e que se discuta com eles acerca das palavras e seus significados, levando a discussão para o caminho de que são valores trazidos de diversas culturas africanas – mas que possuem traços em comum – e aqui no Brasil sobreviveram em diversas manifestações culturais e religiosas, como o Candomblé.

Sugestão de valores a serem escritos no quadro para serem apresentados:

FORÇA VITAL, CIRCULARIDADE, MUSICALIDADE, ORALIDADE, CORPOREIDADE, COOPERATIVIDADE.

MÓDULO I

Nesse módulo, será dividida a turma em grupos (do jeito que for melhor, de acordo com a realidade da sala e do número de alunos) e dividir os três contos entre os grupos. Não tem problema repetir, é até bom que vários grupos diferentes opinam sobre o mesmo conto. É interessante que antes um outro conto seja escolhido e analisado conjuntamente com os alunos, de modo a mostrar o “como se faz”. Os contos encontram-se reproduzidos em anexo.

A sala fará a leitura de contos que retratam valores civilizatórios afro-brasileiros. Os contos estão no livro “Contos de uma África mítica: a educação pela oralidade nas religiões de matriz afro-brasileira” de Anderson Pereira Portuguese (2019). Os contos escolhidos foram “Alagbè: o contador de histórias”, “Árvore que se curva, vento não quebra” e “A circularidade da vida”.

No conto do Alagbè, é possível explorar a CORPOREIDADE e MUSICALIDADE. É retratado como o Alagbè, a pessoa responsável por guiar as cantigas e os toques em África (e no Candomblé também) ia dançando e cantando com os Orixás, os ancestrais, celebrando a colheita, a fartura, as festividades, o nascimento de pessoas, falecimento de outras, entre outras situações. Também pode-se relacionar a COOPERATIVIDADE, que é retratada a todo momento no conto.

No “Árvore que se curva, vento não quebra” trazemos o valor da ORALIDADE, na qual mostra uma irmã mais velha de um ferreiro contando uma história que havia aprendido sobre resiliência e flexibilidade, valores esses que não são essencialmente afro-brasileiros, mas se somam ao valor citado anteriormente. Esse conto trabalha a necessidade de ser resiliente frente as adversidades da vida, necessidade sendo esse um dos valores essenciais para os escravizados frente a tudo que passaram no Brasil – sendo privados de sua terra, sua ancestralidade, sua vida, sua família e tudo mais que dava sentido a sua vida.

No conto “A circularidade da vida” trazemos o conceito da CIRCULARIDADE, no qual é relatado o percurso da água para sair de um olho d’água e se tornar um córrego, um rio, possuir corredeiras, quedas, chegar até o mar. O texto faz analogia com o retorno da água como chuva com o retorno das nossas ações perante o mundo. A circularidade também diz respeito a isso, a quem vive com sabedoria, com bom caráter, poder colher isso ao longo da vida e na velhice, sem ter arrependimento do que ficou para trás.

Sugestão de questionário para análise dos contos:

- 1) Título:
- 2) O que você entendeu da História?
- 3) Qual ou quais os valores civilizatórios afro-brasileiros trabalhados no conto?
- 4) Algum outro valor, além dos mencionados foi trabalhado? Mencione e explique.

MÓDULO II

Após a realização da leitura o preenchimento do questionário, os alunos realizarão um momento de exposição oral e debate dos contos, no qual cada um respeite a vez do outro e falar. Cada um irá expor o que entendeu da história, quais os valores foram observados, qual a importância deles, como cada um se preservou.

MÓDULO III

Após a discussão dos contos, será proposto que se ressignifique a história, que cada grupo conte ela de alguma forma: seja por meio de desenho, teatralização, de refazer a história. A ideia é que o aluno interaja com o conteúdo de forma ativa e produza algo autoral em cima dos valores que ele identificar do conto.

Módulo IV

Ainda em círculo, converse com os alunos sobre a importância desses valores civilizatórios na constituição de redes de solidariedade aqui no Brasil, na resignificação da identidade coletiva. Kabengele Munanga (2009) aponta que tais valores são encontrados na maioria das sociedades africanas que para cá foram trazidas, sendo uma espécie de elemento em comum. Apesar de falarem muitas vezes línguas diferentes, foi por meio das identificações coletivas que foi possível criar manifestações novas em solo brasileiro,

Esse processo ocorreu não somente no Candomblé, mas na Capoeira, nos Congados, Reisados, Moçambiques, Jongos, Umbandas, Calundus, entre várias outras manifestações. Tais valores, como a corporeidade e musicalidade são muito presentes em nossa cultura brasileira, expressões em ritmos musicais populares como o samba, funk, axé.

Além de romantizarmos e folclorizarmos tais manifestações, é importante entender que foram espaços coletivos de resistência e resignificação da fé, do mundo, da escravização. Ao nosso ver, passa por aí o entendimento que o aluno precisa ter acerca da temática para a sua formação cidadã.

Tema da aula: O Reino de Oió na África e a formação do Candomblé no Brasil

Turma: 7º ano do ensino fundamental

Unidade Temática da BNCC: O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias

Objeto de conhecimento: Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial

Habilidade trabalhada: (EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.

Módulo I

Nesse módulo a proposta é pensarmos a lenda preservada pela religião e catalogada por Reginaldo Prandi (2001) no livro *Mitologia dos Orixás*: “Oxalufã é banhado com água fresca e limpa ao sair da prisão”. A lenda trata de uma viagem do velho Oxalá/Oxalufã, da cidade Ilé-ifé para Oió.

A lenda (Anexo II) trata de uma folclorização e ludicização de um fato político acontecido entre os dois reinos, que não se sabe ao certo quando aconteceu. Tal acontecimento ficou guardado na memória oral do povo iorubá e sobreviveu a travessia do Atlântico, permanecendo vivo na tradição do Candomblé e nos seus festejos, materializando-se na festa das Aguas de Oxalá, normalmente celebrada no início do ano pelas casas tradicionais.

A partir da apresentação inicial do festejo, recomenda-se a leitura da lenda/itan de forma coletiva com os alunos.

Módulo II

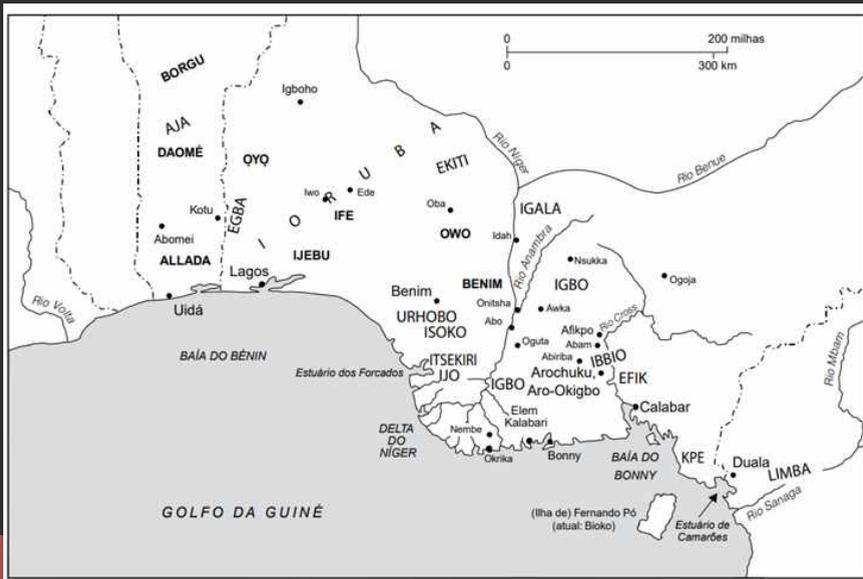
Na região onde hoje é conhecida como Iorubaland, que fica no delta do Rio Niger, Ifé era o grande centro religioso dos iorubás. Acreditava-se que desta cidade descendiam todas as outras, tendo sido fundada por Oduduwa. Os filhos deste se dividiram e povoaram o resto do território, tendo um deles, Oranyan, fundado a cidade de Oió.

A oralidade conta que Oranyan, 1º alafin de Oió, era pai de Tela Oko, considerado uma encarnação do Orixá Xangô em terra. Tela Oko reinou por um tempo no reino de Oió sendo o 4º alafin do reino. Desde sua morte, seus ministros se juntaram para perpetuar o culto de Xangô no palácio do Alafin de Oió, sendo esta a principal divindade da cidade.

Oió era o centro militar dos iorubás e Ifé o centro espiritual. Oió era próxima aos Nupes e Borgus, tendo tipo muita influência destes. Apoiava-se mais nos funcionários servís para organizar o exército, tendo estes cavaleiros e arqueiros. Foram eles que levaram o culto de Xangô para toda a Iorubaland. A cidade teve uma capital antiga, que foi invadida e derrubada pelos nupes. Aliada aos borgus, ela conseguiu se reerguer. Oió acabou por passar longe da influência europeia, diferente do Reino do Daomé, até o século XIX, por não estar tão ligada a costa.

O reino do Daomé foi controlado por muito tempo por Oió, havendo ambos um tratado de paz. Por volta do final do século XVIII e início do XIX, esses reinos entram em conflito. Oió é derrotada pelo Reino do Daomé, e nesse período, os escravos iorubás passam a ser a maioria dos que chegavam ao Brasil. É interessante mostrar o mapa abaixo aos alunos e trabalhar com eles a localização do Reino do Daomé e do Reino de Oió, mostrando como eram vizinhos, e como aqui no Brasil tiveram sua cultura assimilada através do Candomblé. Mostre também a disposição das cidades, mostrando Ifé e Oió cidades importantes entre os iorubás e que são mencionadas na lenda.

O delta do Níger e os Camarões, do século XVI ao XVIII.



Fonte: OGOT, Bethwell Allan. História geral da África V: África do século XVI ao XVIII. Brasília : UNESCO, 2010, p. 520

Figura 1: Templo de Xangô do Palácio do Alafin de Oió – Nigéria.



Figura 2: Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador, Bahia. Inaugurado em 1910 para cultuar Xangô.



Informações importantes: as duas imagens acima mostram o templo de Xangô do palácio do Alafin de Oió e uma casa de Candomblé montada no Brasil para cultuar o mesmo orixá. É interessante fazer um exercício com os alunos mostrando as duas imagens e buscando similaridades, por mais que sejam construções de tempos históricos diferentes, a brasileira remete a africana, e busca trazer aspectos que façam menções a tradição africana, como a própria cor vermelha. Obviamente, são tradições arquitetônicas diferentes, mas podemos observar as semelhanças.

Informações importantes:

Afonjá – um dos nomes do Orixá Xangô.

Casa Branca do Engenho Velho - terreiro de Candomblé mais antigo do Brasil, fundado na década de 1830 por Ya Nassô.

Ya Nassô - era o nome do cargo da mulher que era responsável pelo culto de Xangô no Palácio do Alafin de Oiô. Ao ser trazida para o Brasil enquanto escravizada, ela acaba dando origem, juntamente com outras sacerdotisas, ao Candomblé no Brasil.

Alafin – senhor do palácio. O rei.



Alafin de Oiô e sua corte

É interessante trabalhar com os alunos o seguinte texto:

O terreiro do Axé Opô Afonjá e o Culto de Xangô no Brasil

O Terreiro do Axé Opô Afonjá, conhecido como Ilê Axé Opô Afonjá (seu nome significa “Casa sob o comando e o sustendo do cajado de Afonjá”), descende do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, que é um dos terreiros de Candomblé mais antigos que se tem notícia no país, servindo de modelo para vários outros. Um grupo dissidente da Casa Branca, comandado por Eugência Anna dos Santos, conhecida como mãe Aninha, fundou o Axé Opô Afonjá, em 1910, com a finalidade de cultuar o orixá Xangô.

Na organização do Axé Opô Afonjá, Mãe Aninha buscou incorporar traços de organização do Palácio de Oiô na África, local onde tem origem o culto do Orixá Xangô da forma que conhecemos. Acredita-se que Xangô, além de ser uma divindade, também viveu em terra. Ele foi o quarto rei de Oiô, tendo destronado seu irmão Dadá e reinado por 7 anos como um rei querido e agraciado. Enquanto divindade, ele é associado aos trovões, raios, pedreiras, é viril e justiceiro; castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Por esse motivo, se a pessoa morre atingida por um raio ou sua casa é atingida em Oiô, a pessoa é considerada amaldiçoada e precisa pagar tributos aos sacerdotes de Xangô.

No Brasil o culto de Xangô é muito importante, tendo até mesmo a religião Xangô do nordeste. Levando em consideração que algumas de suas sacerdotisas foram enviadas para o Brasil enquanto escravizadas, como é o caso de Ya Nassô, seu culto veio para o Brasil muito preservado. Toda pessoa que se inicia no Candomblé e fecha o ciclo de 7 anos de iniciação passa por uma roda de Xangô para se tornar “mais velho”.

Quando o irmão de Xangô, Dadá, é louvado na Bahia, é feita uma cerimônia na qual Xangô destrona a coroa de Dadá, dança com ela na sala e depois devolve a coroa para o mesmo, simbolizando os 7 anos que reinou em Oiô.

Conta-se que no palácio de Oiô havia o culto de Xangô, dos ancestrais e o culto dos Orixás de branco (associados a Oxalá). No Candomblé é reproduzida parte dessa estrutura, tendo a importância de Xangô e de Oxalá reconhecidas, em meio ao culto de outras divindades iorubá e fon, sincretizadas a tradições do Candomblé angola de matriz bantu.

Módulo IV

Esse módulo será dedicado a atividade de síntese. A sugestão é que se peça aos alunos que elabore uma carta para as pessoas que foram responsáveis pela fundação do Candomblé no século XIX, falando sobre o que aprenderam e o que acharam mais interessante do tema.



ANEXO I - CONTOS



Alagbê: o contador de histórias

Pai Renato, ogã do ferreiro de Mãe Luzia, me contou sobre seus tempos de molecote, quando aprendeu a tocar os instrumentos sagrados do culto aos Orixás. Com alegria e saudades, falou do Alagbê Nonô de Ogunjá, um senhor já idoso, sorridente, que lhe ensinou tudo o que sabe sobre os ritmos e cânticos do Candomblé.

Das muitas histórias que escutou de seu mestre, Pai Renato me relatou uma, dentre todas, que mais lhe chamou a atenção. Segundo Pai Nonô, quando chegava a época da colheita, uma parte dos frutos da terra era separada para a grande festividade da cidade. Os agricultores de todas as aldeias levavam balaios de tubérculos para a praça do palácio, para que a comunidade pudesse realizar um grande banquete coletivo, em homenagem aos Orixás, agradecendo pela fertilidade do solo, pelas chuvas e pelo bom crescimento das plantas.

Nessas ocasiões, os Orixás e ancestrais costumavam vir festejar com seus devotos e iniciados. Um Alagbê, ou seja, um contador de histórias que recitava versos cantados, sempre era chamado para capitanear as festividades. O Alagbê Ohunokè era um homem muito distinto, criativo e com espírito de liderança e, por esse motivo, ele sempre era convidado e tratado com respeito e reverências por todos. Toda vez que viajava, levava consigo o jovem Kayodè, seu filho mais velho, para ensinar-lhe o ofício de recitador dos versos sagrados.

O Alagbê cantava historietas na forma de canções improvisadas, inventadas no calor da festa, inspiradas pelos seus ancestrais e seu Orixá. Normalmente, os acontecimentos que iam do plantio à colheita eram relatados pelo cantador e a população local adorava ver seu cotidiano ser resumido na forma de belas cantigas, cujo ritmo incentivava a todos a dançar e confraternizar.

Quando a grande rainha das águas se manifestava em suas iniciadas, lá ia o Alagbê abrindo caminho pela vila, contando para a Orixá o que tinha ocorrido na aldeia desde sua última visita.

De frente a uma casa ele cantava o nascimento de uma criança; em outra, o falecimento de um ancião; em outra, relatava casamentos e assim por diante. Com seus versos improvisados, o Alagbè contava para as divindades as novidades do mundo, além de relatar-lhes os acontecimentos da comunidade como um todo.

Todos diziam: “Nosso Pai Alagbè é um homem de ori poderoso. Ele é criativo e muito inteligente. Salve o seu ori abençoado! Oriooooo!”

Os Orixás se agradavam com seus versos e cantorias e dançavam alegremente enquanto ele cantava. Ao saber de um nascimento, abençoavam a criança, ao saber de um casamento, abençoava os enamorados e ao saber de um falecimento, consolavam os parentes. Para as pessoas do povoado, o Alagbè era sua voz. Ohunokè é o eco da montanha, é a voz que mundos. Seus versos improvisados ressoa z. nos dois , sempre bem ritmados , emocionam homens, mulheres, Orixás e Ancestrais. — Saurè Alagbè Ohunokè. Saudamos a voz que ecoa no Orun e no Ayè. Saudamos nosso contador de histórias. Saurè!

Glossário:

Ogã: pessoa que não incorpora, não entra em transe, mas possui grande responsabilidade na organização dos cultos. Toca, cuida da segurança do terreiro, recebe os convidados, organizam o espaço, entre várias outras funções importantes.

Alagbè: é o Ogã responsável pelos toques.

Ori: Cabeça. O culto de Ori é muito importante entre os iorubás, jejes e angolas.

Sempre escutávamos dizer que a humildade é o principal valor de um yawo. Tia Zelina de Oyá, a Ojūbonã do terreiro, nos contava uma pequena história para nos incentivar a exercer a humildade em nossas vidas, dentro e fora do terreiro. Era mais ou menos assim:

“O vento soprava forte nas terras Yorubá. Aqui e ali os redemoinhos subiam velozes e bagunçavam os ninhos dos pássaros, arrancando-os do lugar. O vento, destemido e forte, soprava ruidoso sobre o lago, formando marolas que viravam as canoas dos pescadores.

O vento arruinou a plantação, desfolhando os pés de obi e engastalhando os ramos da batata-doce. — De onde veio essa ventania? — todos perguntavam. — Eparrei! Tenha piedade de nossas cidades e campos, minha mãe lansã!! Apesar das súplicas da população à lansã, Orixá das tempestades e ventanias, o vento continuava a soprar e destelhou casas em um vilarejo localizado na margem direita do rio Osun.

No litoral, o mar ficou revoltado, avançou sobre a praia na forma de forte ressaca. Que medo! Em toda parte, viam-se matas retorcidas, muitas plantas quebradas ou arrancadas pela raiz. O dendezeiro permaneceu de pé. Perdeu umas folhas, mas não todas, pois sabia dobrar-se ao vento. O bambuzal também não teve todas as suas varas quebradas, pois os gomos do bambu permitiam flexibilidade e as grandes hastes curvavam-se na direção determinada pela tormenta.

Depois que a tempestade passou, viu-se em toda parte muita destruição e pavor. Mas o dendezeiro permaneceu de pé, desgrenhado, mas ainda com algumas folhas. O bambuzal também estava de pé, amarfanhado, mas íntegro.

Um velho Babalawo da cidade de Irá observou espantado toda aquela destruição e, com sapiência, disse para seus filhos: — Estão vendo, meus filhos? Os troncos rígidos se quebraram e os flexíveis se curvaram com o vento. Sejam líderes firmes, rigorosos, mas jamais rígidos. Na vida precisamos aprender a escolher a hora certa para nos curvamos humildemente, para seguir sendo o que somos nos momentos de tempestades.

Os filhos do Babalawo responderam: — Sim, senhor, meu pai. Que Orixá Ajalá abençoe nossos oris para que possamos ter discernimento, para que possamos ser rigorosos sem sermos rígidos.”

Glossário:

Eparrei: saudação da Orixá Oyá, ligada aos ventos, raios e os eguns.

Babalawo: sacerdote do culto de Orunmilá-Ilfá.



Das muitas histórias que ouvi no terreiro, uma me marcou bastante. Foi escrita por Tio Neguinho, um dos Ogãs do terreiro. Ele é poeta e compositor de sambas de grande reconhecimento na cidade, embora ainda seja jovem. Sua figura marcante, de corpo magro e longas tranças africanas, sempre é vista nas reuniões do movimento negro e de defesa de nossa religiosidade.

Na sombra do dendezeiro, tocando seu violão, meio que cantando, meio que recitando, Pai Neguinho declamou mais ou menos assim:

“A água queria ser rio, mas espantou-se com a rigidez da rocha que a impedia de brotar na superfície. A água brigou com a pedra para virar rio e, depois de muito procurar, encontrou uma fenda pela qual pode fluir com suavidade. A água virou olho d’água.

A água inundou o lugar e virou poça. Esforçando-se, transbordou pela primeira vez e escorreu por entre as árvores. Como um pequeno regato, ela fluiu assustada e vagarosa e de repente, encontrou outro filete d’água que vinha de outro canto. Juntou-se a ele e formou um pequeno córrego.

O córrego olhou para si e se viu como algo mais poderoso. Nem se lembrou mais do trajeto percorrido, pois agora podia serelepear com mais fôlego entre as árvores e assim seguir viagem rumo ao desconhecido.

O córrego encontrou outros leitões como ele e ao se juntarem, formaram um rio no qual já era até possível nadar e pescar. Exibido e orgulhoso de si, o rio jogava-se bravamente pelas pedras, formando cachoeiras e corredeiras.

O pescador, contemplando a cachoeira, espantou-se ao ver que ela chora cada gota de água do rio. Que linda!

O rio se juntou a outros rios e formou um grande corpo longo, fundo e largo. O pássaro que sobrevoava a paisagem se espantou ao ver o tamanho do rio que serpenteia pela mata, indo longe, até perder-se na imensidão da planície.



O rio inundou a planície e virou pântano. Diminuiu de velocidade e ao encontrar o mar, entregou-se a ele com suavidade e submissão. Mas o rio não morreu, não esvaziou e nem secou. O vento que vem do oceano traz muita água de volta para a montanha na forma de chuva, que alimenta a terra com água e assim permite que o olho d'água perpetue seu pranto de água doce."

Tudo na vida, tudo no mundo, segue a lógica dos ciclos. A circularidade da existência faz com que tudo gire, tudo esteja em movimento, tudo comece, termine e recomece.

É preciso ter sabedoria para seguir com perseverança o rumo da vida, que anda sempre em frente, como o ribeirão que marcha rumo ao mar. Todo ciclo tem que ser completado.

Mas assim como o regato que vira córrego, que por sua vez vira rio, é preciso crescer sempre, avolumando-se de feitos e virtudes. No final da vida, quando a glória do rio está nos seus instantes finais, se alarga tanto no pântano que acaba desaguando mansamente no mar. Quem vive plenamente, na velhice alarga a alma, expande a sabedoria e retorna ao mundo dos ancestrais mansamente, sábio e sem arrependimentos pelas coisas que ficaram para trás.

Todos os contos disponíveis no livro: PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Contos de uma África mítica: a educação pela oralidade nas religiões de matriz afro-brasileira. Ituiutaba: Barlavento, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://asebabaolorigbin.files.wordpress.com/2020/03/africa-mitica-corrigido-final-1.pdf>.

ANEXO II - Oxalufã é banhado com água fresca e limpa ao sair da prisão

Um dia Oxalufã, que vivia com seu filho Oxaguiã,
velho e curvado por sua idade avançada,
resolveu viajar a Oió em visita a Xangô, seu outro filho.
Foi consultar um babalaô para saber acerca do passeio.

O adivinho recomendou-lhe não seguir viagem,
pois a jornada seria desastrosa e poderia acabar muito mal.

Mesmo assim, Oxalufã, por teimosia,
resolveu não renunciar à sua intenção.

O adivinho aconselhou-o então a levar consigo três panos brancos,
limo-da-costa e sabão-da-costa.

E disse a Oxalá ser imperativo tudo aceitar com calma
e fazer tudo o que lhe pedissem ao longo da estrada.
Com tal postura talvez pudesse não perder a vida no caminho.

Em sua caminhada, Oxalufã encontrou Exu três vezes.

Três vezes Exu solicitou ajuda ao velho rei
para carregar seu fardo pesadíssimo de dendê, cola e carvão,
o qual Exu acabou, nas três vezes, derrubando em cima de Oxalufã.

Três vezes Oxalufã ajudou Exu a carregar seus fardos sujos.

E por três vezes Exu fez Oxalufã sujar-se
de azeite-de-dendê,
de carvão,

e outras substâncias enodoantes.

Três vezes Oxalufã ajudou Exu.

Três vezes suportou calado as armadilhas de Exu.

Três vezes foi Oxalufã ao rio mais próximo lavar-se e trocar as vestes.

Finalmente chegou Oxalá à cidade de Oió.

Na entrada viu um cavalo perdido, que ele reconheceu
como o cavalo que havia presenteado a Xangô.

Tentou amansar o animal para amarrá-lo e devolvê-lo ao amigo.

Mas nesse momento chegaram alguns soldados do rei
à procura do animal perdido.

Viram Oxalufã com o cavalo e pensaram
tratar-se do ladrão do animal.

Maltrataram e prenderam Oxalufã.

Sempre calado, o orixá deixou-se levar prisioneiro.

Magoado e desgostoso foi arrastado ao cárcere sem comiseração.
O tempo passou e Oxalufã continuava preso e sem direito de defesa.

Humilhado, decidiu que aquele povo presunçoso e injusto
merecia uma lição.

E o velho orixá usou de seus poderes e vingou-se de Oió.
Assim, Oió viveu por longos sete anos a mais profunda seca.

As mulheres e os campos tornaram-se estéreis
e muitas doenças incuráveis assolaram o reino.

O rei Xangô, em desespero, consultou o babalaô da corte
e soube que um velho sofria injustamente como prisioneiro,
pagando por um crime que não cometera.

Disse-lhe também que o velho nunca havia reclamado,
mas que sua vingança tinha sido a mais terrível.

Xangô correu imediatamente para a prisão.

Para seu espanto, o velho aprisionado era Oxalufã.
Xangô ordenou que trouxessem água do rio para lavar o rei,
água limpa e fresca das fontes para banhar o velho orixá.
Que lavassem seu corpo e o untassem com limo-da-costa.
Que providenciassem os panos mais alvos para envolvê-lo.

O rei de Oió mandou seus súditos vestirem-se de branco também.
E determinou que todos permanecessem em silêncio.
Pois era preciso, respeitosamente, pedir perdão a Oxalufã.
Xangô vestiu-se também de branco
e nas suas costas carregou o velho rei.
E o levou para as festas em sua homenagem
e todo o povo saudava Oxalá
e todo o povo saudava Airá, o Xangô Branco.

Depois Oxalufã voltou para casa
e Oxaguiã ofereceu um grande banquete
em celebração pelo retorno do pai.
Terminadas as homenagens, Oxalá partiu de volta para casa.
Caminhava lentamente, apoiando-se no opaxorô,
comprido báculo de lenho que o ajuda a se locomover.
Seus acompanhantes cobriam-no com o branco alá,
alvo pálio que protege o velho orixá da luz e do calor do sol.
Quando Oxalufã chegou em casa,
Oxaguiã realizou muitos festejos
para celebrar o retorno do velho pai



REFERÊNCIAS

ALAGOA, Ebiegberi Joe. Do delta do Níger aos Camarões: os fon e os iorubá. OGOT, Bethwell Allan. História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Brasília : UNESCO, 2010.

CABRAL, Natanael Freitas. Sequências didáticas: estrutura e elaboração. Belém: SBEM, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Contos de uma África mítica: a educação pela oralidade nas religiões de matriz afro-brasileira. Ituiutaba: Barlavento, 2019.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. A forma social negro- brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação Infantil. Revista Valores Afro-brasileiros na Educação, 2005.